

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: INTERFACES COM A PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Francisco das Chagas Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Piauí
franciscocrsilva@gmail.com

Sidclay Ferreira Maia
Colégio Agrícola de Floriano/UFPI
sidmaia@hotmail.com

RESUMO

No âmbito da abordagem qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (BRITO, 2007; BUENO, 2002; BUENO et al, 2006; CHENÉ, 1988; FERRAROTTI, 1988; GALVÃO, 2005; JOSSO, 2007; 2004; PINEAU, 2006; REIS, 2008; SOUZA, 2006a, 2006b etc.) compreende uma orientação teórico-metodológica sob a qual vem se desenvolvendo um método de investigação bastante fértil no campo das ciências sociais e humanas. Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas se configuram como técnica e procedimento de produção de dados, subsidiando o estudo da formação e do trabalho docente em seus mais diversos aspectos. Diante disso, objetivamos neste trabalho discutir a utilização das narrativas autobiográficas na pesquisa sobre formação de professores, apresentando elementos teórico-metodológicos que as caracterizam como técnica e procedimento de produção de conhecimentos relativos à formação e ao trabalho docente. Assim, do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa bibliográfica, de caráter teórico-reflexivo a partir de experiências práticas no campo da investigação sobre formação de professores baseada em narrativas autobiográficas.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas. Método de pesquisa. Formação de professores.

Introdução

A investigação sobre a formação de professores, especialmente sobre seus percursos formativos, produção de saberes, constituição identitária e desenvolvimento/crescimento pessoal/profissional, exige um olhar que possibilite vê além das aparências e das formas mais visíveis, palpáveis e quantificáveis. É preciso trabalhar com a subjetividade, a sutileza, a singularidade, a perspectiva do sujeito, os modos particulares com que cada indivíduo se implica com seu processo de formação pessoal e profissional. É, pois, necessário operar com aspectos muito íntimos do ser humano, enquanto pessoa, profissional e ator social, constituídos na interface com o eu, o outro e o mundo. Assim, é preciso uma abordagem teórico-metodológica de investigação que compreenda

uma forma singular de olhar e analisar a realidade dos fenômenos educacionais. Dentre as diferentes abordagens de investigação científica, a pesquisa qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006; FLICK, 2009a, 2009b, 2004; STRAUSS & CORBIN, 2008, entre outros) apresenta-se como a orientação teórico-metodológica que melhor atende a estas exigências, considerando que se refere, entre outras coisas, ao estudo da vida das pessoas, de experiências vividas, de comportamentos, emoções e sentimentos, compreendendo análises de práticas sociais cotidianas, pessoais ou coletivas.

No âmbito da abordagem qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (BRITO, 2007; BUENO, 2002; BUENO et al, 2006; CHENÉ, 1988; FERRAROTTI, 1988; GALVÃO, 2005; JOSSO, 2007; 2004; PINEAU, 2006; REIS, 2008; SOUZA, 2006a, 2006b etc.) compreende uma orientação teórico-metodológica sob a qual vem se desenvolvendo um método de investigação bastante fértil no campo das ciências sociais e humanas. Nesse contexto, as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vêm sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. Trata-se de uma tendência contemporânea, mas que, ao longo dos últimos trinta anos, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, configurando-se como um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico.

Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas, quer dizer, os relatos orais ou escritos de professores acerca de suas experiências formativas vivenciadas ao longo da vida, no contexto da trajetória de escolarização e/ou da prática profissional, configuram-se como técnica e procedimento de produção de dados, subsidiando o estudo da formação e do trabalho docente em seus mais diversos aspectos. Diante disso, objetivamos neste trabalho discutir a utilização das narrativas autobiográficas na pesquisa sobre formação de professores, apresentando elementos teórico-metodológicos que as caracterizam como técnica e procedimento de produção de conhecimentos relativos à formação e ao trabalho docente. Assim, do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa bibliográfica, de caráter teórico-reflexivo a partir de experiências práticas no campo da investigação sobre formação de professores baseada em narrativas autobiográficas.

As narrativas autobiográficas como método de pesquisa

Enquanto método de investigação, a origem da pesquisa (auto)biográfica e, por conseguinte, das narrativas autobiográficas está associada a uma mudança paradigmática no âmbito das ciências sociais, nomeadamente da Sociologia e da Antropologia, que tiveram seus postulados científicos contestados por perspectivas mais modernas de análise da realidade. Essa mudança colocou em evidência a necessidade de se repensar a forma de ver e analisar a realidade, de se estabelecer um novo estatuto científico capaz de dar conta de explicar as pequenas coisas, o cotidiano, o simples, o comum, em detrimento das grandes explicações. Significou, pois, a retomada do singular, do específico, do pessoal, como forma de responder às questões que se inscrevem ao nível da pessoa, dos diferentes modos de ser e estar no mundo. Trata-se de estabelecer e potencializar a relação entre o singular e o universal, o específico e o geral, a pessoa e o mundo, tendo em vista que “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação **singular do universal** social e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irreduzível de uma praxis individual” (FERRAROTTI, 1988, p. 26-27, grifo do autor).

Dessa forma, a abordagem das narrativas autobiográficas enquanto método de investigação científica vem se desenvolvendo sob uma perspectiva particular: a de estabelecer a relação entre a pessoa e o mundo e, assim, fazer compreender a inquestionável implicação entre o eu e o outro, entre a singularidade de uma vida e as grandes estruturas da vida humana. De fato, a pessoa não vive e nem se faz sozinha e sua trajetória tem uma implicação histórica e social, ou seja, sua forma de ser e estar no mundo tem a ver com as condições contextuais e existenciais que marcam toda sua vida. Nesse sentido, a potencialidade das narrativas autobiográficas enquanto instrumento e procedimento de pesquisa está no fato que a história de vida de uma pessoa pode revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta, considerando que

todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma praxis humana. [...] toda a praxis humana individual é actividade sintética, **totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma praxis que se apropria das relações sociais** (as estruturas sociais), **interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante.** Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou acto individual nos

parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. (FERRAROTTI, 1988, p. 26, grifo do autor).

Assim, o interesse pelas narrativas autobiográficas no meio científico é a expressão de um movimento social que trouxe a perspectiva dos sujeitos face às estruturas e aos sistemas, da qualidade face à quantidade, da vivência face ao instituído (NÓVOA, 2000). Isso significa tomar o próprio sujeito, em sua forma de vê, experienciar e representar o mundo e as coisas que o constituem como objeto de análise da realidade e subsídio para a produção de conhecimento relativo à vida e à prática social das pessoas. Dessa forma, a pesquisa baseada em narrativas autobiográficas afirma-se como possibilidade de tomar a experiência humana como objeto de conhecimento, passivo de mensuração, análise e interpretação. Logo, a pesquisa com narrativas autobiográficas tem um propósito fundamental, o de dar vez e voz à pessoa-sujeito da investigação e, desse modo, oportunizar-lhe aprender, crescer e se desenvolver a partir de suas experiências pessoais, profissionais, enfim, formativas, em um “processo de caminhar para si”, que se caracteriza

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59).

Nesse sentido, as narrativas autobiográficas inscrevem-se como processo intrínseco de conhecimento e autoconhecimento, potencializando a narração de si como método de pesquisa e, ao mesmo tempo, como projeto de formação, considerando que a construção da narrativa centrada nos percursos formativos possibilita à pessoa que conta a própria história de vida retomar suas vivências passadas e/ou presentes na interface passado e presente, individual e coletivo, pessoa e mundo que, ao assumir a forma de experiência, potencializa o caráter formador deste processo. De fato, a situação de construção da narrativa coloca o ator (narrador) num campo de reflexão, de tomada de consciência sobre sua existência, de sentidos atribuídos à formação ao longo da vida, de conhecimentos adquiridos, de análises e compreensões sobre a vida, do ponto de vista psicológico, antropológico, sociológico e linguístico que a narração de si e sobre si exige (SOUZA, 2006).

Como projeto de investigação, as narrativas autobiográficas possibilitam conhecer e compreender aspectos diretamente relacionados aos processos formativos e às de-

mais práticas e vivências da pessoa que narra e revela a si mesma. Dessa forma, a investigação baseada em narrativas autobiográficas abre uma perspectiva para a apreensão e compreensão do processo formativo e constitutivo do indivíduo enquanto pessoa e profissional em sua relação consigo mesmo, o outro e o mundo. Nesse sentido, essa perspectiva de investigação tem como uma de suas principais características a possibilidade de produzir conhecimento a partir da relação entre o singular e o universal, a pessoa e o seu contexto, configurando-se como uma dialética da experiência, dos diferentes modos de ser e estar no mundo. Desse modo, do ponto de vista epistêmico-metodológico, a argumentação central da pesquisa baseada em narrativas autobiográficas é a dimensão da experiência no contexto da vida da pessoa, tomada como objeto de conhecimento e viés de interpretação da realidade. Nesse sentido, a experiência é tomada como experiência formadora, caracterizada como processo de aprendizagem e conhecimento, elaborado em três níveis: 1) das aprendizagens e conhecimentos existenciais; 2) das aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos; e 3) das aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos (JOSSO, 2004), de modo que a experiência formadora refere-se à implicação global do sujeito com sua própria existência, uma vez que

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscientes), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. (JOSSO, 2004, p. 55).

Assim, a experiência formadora diz respeito ao processo de constituição psicossomática da pessoa; ao modo como cada um aprende e (re)significa essa aprendizagem em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo; à capacidade de transformação das vivências particulares em experiências, a partir da tomada de consciência de si mesmo e de suas interações com as outras pessoas e com o meio social e natural. Diz respeito, pois, às vivências que marcam a vida de cada indivíduo e que os transformam naquilo que são enquanto pessoa e profissional. Quer dizer, a experiência formadora tem a ver com os processos formativos, com a aprendizagem da profissão e com o desenvolvimento pessoal/profissional da pessoa, dentro e fora dos programas de formação, ao longo de sua trajetória escolar e profissional. Dessa forma, a pesquisa narrativa parte da concepção de que os processos formativos, de aprendizagem e desenvolvimento pesso-

al/profissional compreendem a implicação da pessoa consigo mesma e com os contextos onde se constituem suas experiências pessoais e profissionais de formação. Por isso, a pesquisa baseada em narrativas autobiográficas tem por finalidade revelar o vivido para além dos fatos e acontecimentos, constituindo uma forma particular de apreensão da experiência e, na medida do possível, da complexidade que a caracteriza, considerando que

a narrativa de formação serve de charneira para a compreensão da experiência, pois engloba e ultrapassa o 'vivido'. Encontramos nela o antes e o depois, o fora e o dentro da experiência presente, com o distanciamento próprio da escrita. Para mais, os percursos narrativo e discursivo tecem no texto a dinâmica da relação com o saber, da relação com os outros e também da relação com os diferentes aspectos do **eu**. (CHENÉ, 1988, p. 94, grifo do autor).

Logo, a narrativa autobiográfica revela a experiência a partir da perspectiva do sujeito, de modo que, no contexto de um projeto de pesquisa, a narração de si abre caminhos para se compreender o processo de formação da pessoa a partir das configurações de seus percursos formativos em diferentes tempos e espaços, envolvendo o antes, o durante e o depois. Não obstante, não é toda a experiência que se apresenta na narrativa autobiográfica, pois o relato da experiência é, na verdade, um fragmento de vida e, na sua construção, a pessoa (o narrador) encontra-se afastada de si própria, de modo que, por mais que se conte a experiência esta nunca cabe por inteiro na narrativa (CHENÉ, 1988). Nesse sentido, no processo de investigação não temos acesso direto à experiência do outro, de forma que lidamos apenas com a representação dessa experiência por meio do ouvir contar, dos textos, da interação que se estabelece e das interpretações feitas (GALVÃO, 2005).

Dessa forma, no processo de narração de si a pessoa lembra o que aconteceu, coloca a experiência em uma sequência e joga com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e coletiva, de modo que contar histórias implica estados intencionais e preserva perspectivas particulares (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2007). Esse processo de lembrar e narrar os acontecimentos que circunscrevem a experiência é mediado pelas condições existenciais da pessoa, ou seja, pelos modos particulares com que cada um se coloca diante de si mesmo, dos outros e do mundo. Assim, a narração de si se constrói na interface experiência, lembrança e narrativa (relato), compreendendo um processo de (auto)conhecimento e revelação a partir das formas singulares com que cada um vivencia, apreende e representa o mundo e as coisas que o constitui. Por

isso, nas narrativas autobiográficas a experiência revela-se a partir da perspectiva do sujeito, pela ótica de quem a vivenciou, evidenciando os modos como cada pessoa se (re)conhece e se representa diante de si mesma, do outro e dos diferentes contextos. Isso significa, pois, que a narração de si revela muito mais que os acontecimentos circunscritos, informando também as implicações da pessoa com sua experiência, isto é, a forma como ela vê, sente, avalia, julga, compreende e representa sua história de vida, considerando que a narrativa autobiográfica consiste em uma

[...] tentativa de dar acesso a um percurso interior que evolui correlativamente (mesmo quando há defasamentos temporais) para um percurso exterior caracterizado por acontecimentos, atividades, deslocamentos, relações contínuas e encontros, pertencas etc. É precisamente na exposição por meio da linguagem das componentes objetivas deste itinerário exterior que se exprime, implícita ou explicitamente, o olhar lançado sobre ele e as dimensões sensíveis que dão cor a essas vivências ou experiências [...]. (JOSSE, 2004, p. 186).

Nesse sentido, a experiência enquanto objeto de análise da realidade e produção de conhecimento inscreve-se no contexto de uma narrativa autobiográfica como síntese do real, construída na interface mundo interior e mundo exterior, reconstituindo o vivido a partir da perspectiva contextualizada do sujeito. Ou seja, ao narrar acontecimentos passados a pessoa lembra, seleciona e relata as experiências que apresentam algum significado em um contexto específico, de modo que a narrativa sempre reflete a perspectiva do sujeito. Essa perspectiva, por sua vez, reflete as condições contextuais nas quais o narrador se encontra, relativamente à situação de pesquisa, quer dizer, à natureza e especificidades da interação estabelecida entre o investigado e o investigador. Assim, em uma situação de pesquisa baseada em narrativas autobiográficas os relatos refletem simultaneamente o ponto de vista do narrador, o significado da experiência vivida no contexto de sua vida, suas concepções, crenças e convicções atuais sobre o tema abordado, sua posição em relação ao pesquisador e a influência deste e dos objetivos de sua pesquisa sobre a perspectiva do sujeito. Dessa forma, a pesquisa narrativa diz respeito à apreensão e interpretação do dizível e do indizível, configurando-se como possibilidade de análise da realidade a partir de sua configuração nas interfaces interioridade e exterioridade, singular e universal, pessoal e social/coletivo.

Do ponto de vista processual, a narração de si compreende uma atividade de elaboração intelectual e de socialização do pensamento, reconstituindo a experiência vivida a partir de suas significações no contexto de vida da pessoa que se coloca e se revela

através de uma narrativa autobiográfica. Assim, na pesquisa baseada em narrativas autobiográficas, no plano da interioridade a pessoa que narra se deixa levar pelas associações livres para evocar as suas experiências e organizá-las numa coerência narrativa em torno da sua formação e, no plano da exterioridade, a socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, envolve competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo (JOSSO, 2004). Nesse processo, o acesso à experiência narrada se dá através das recordações-referências, que representam, simbolicamente, aquilo que o autor da narrativa compreende como elementos constitutivos de sua formação, haja vista significarem, ao mesmo tempo, uma dimensão visível, que apela para as percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores, constituindo, assim,

[...] experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma idéia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade [...]. (JOSSO, 2004, p. 40).

Dessa forma, as recordações-referências configuram-se como dispositivo de acesso à lembrança, seleção e organização de vivências singulares que circunscrevem a experiência, externando, reconstruindo e apresentando-a a partir das implicações da pessoa com seu processo de formação. Na pesquisa baseada em narrativas autobiográficas, as recordações-referências inscrevem-se como lembranças de fatos, acontecimentos, situações e momentos que marcam os percursos formativos da pessoa, do ponto de vista da formação, da aprendizagem da profissão e do desenvolvimento pessoal/profissional. Essas lembranças, por sua vez, configuram-se como “microsituações”, ou episódios significativos (JOSSO, 2004), que são “[...] marcadas pelos acontecimentos vividos pelos sujeitos e, na maioria das vezes, são transformadas em experiências e carregadas de um forte componente emocional [...]” (SOUZA, 2006, p. 63). Assim, no contexto da formação da pessoa adulta, as recordações-referências caracterizam-se como experiências formadoras, isto é, como práticas singulares, marcantes, de aprendizagem, de construção, consolidação e ressignificação de saberes, de desenvolvimento pessoal/profissional, enfim, de formação da pessoa em todas as suas dimensões.

Nessa perspectiva, a construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica, ou seja, uma reflexão que evidencia características do ser humano, independente do contexto sócio-histórico; uma reflexão que retoma o questionamento socrático: “quem sou eu?”; e uma reflexão que torna evidente os valores e os eixos que estruturam e orientam nossa existência (JOSSO, 2004). Assim, a narrativa autobiográfica compreende um modo singular de lembrar e contar a própria história de vida, na interface com o eu, o outro e o mundo, caracterizando-se como espaço de reflexão, autoconhecimento e socialização da experiência vivida. Logo, a pesquisa narrativa apresenta-se como espaço de pesquisa e formação, servindo, ao mesmo tempo, à produção de conhecimento e à autoformação, contribuindo com a tessitura de um eu em crescimento e desenvolvimento.

Considerações finais

No campo da educação as narrativas autobiográficas vêm sendo utilizadas basicamente em três projetos: 1) na construção de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades e atitudes; 2) no desenvolvimento pessoal e profissional de professores; e 3) na investigação educativa (REIS, 2008). Nesse contexto, a pesquisa baseada nas narrativas autobiográficas vem contribuindo para a apreensão e compreensão da realidade educacional, repercutindo na construção de conhecimentos relativos aos processos formativos e práticas dos professores. Assim, na pesquisa sobre formação de professores, o uso das narrativas autobiográficas vem auxiliando na investigação de aspectos relativos à vida pessoal, escolar, profissional dos docentes, compreendendo uma perspectiva diferenciada de análise da realidade, a partir de uma (re)qualificação do olhar sobre os processos formativos e a forma de apreendê-los e compreendê-los. Logo, a fertilidade das narrativas autobiográficas centradas nas trajetórias de escolarização e prática profissional dos professores representa a possibilidade de produzir um conhecimento mais adequado para compreendê-los como pessoas e como profissionais e, portanto, mais útil para descrever e para mudar as práticas educativas em seus diversos aspectos (NÓVOA, 2000).

Dessa forma, enquanto técnica e procedimento de investigação na pesquisa sobre formação de professores, as narrativas autobiográficas configuram-se como método de conhecimento de aspectos muito sutis, ao nível das dimensões mais íntimas e pessoais dos docentes, revelando personalidades, identidades, comportamentos e contextos rela-

tivos aos processos formativos e as suas práticas educativas. Nesse processo, o professor ocupa um lugar central, sendo ele próprio o elemento norteador do conhecimento a ser produzido sobre sua vida, sua pessoa e sua prática social e profissional, quer dizer, é de sua prática e suas necessidades formativas que partirmos; é através dele e com ele que investigamos e é para ele, enquanto profissional educador, que se justifica qualquer iniciativa de investigação nesta perspectiva.

Assim, na pesquisa sobre formação de professores, a utilização das narrativas autobiográficas significa, numa visão ampla, a valorização da perspectiva do sujeito a partir da epistemologia dos processos formativos. Ou seja, significa colocar o professor, em todas as suas dimensões, enquanto pessoa, profissional e ator social, na centralidade de seu processo de formação e das questões que se formulam em torno deste. Trata-se, pois, de descobrir e considerar o estatuto pessoal e singular do professor, até então negligenciado em função de uma visão positivista da formação e do trabalho docente. Dessa forma, ao contrário da perspectiva positivista, que valoriza a objetividade e pretende reforçá-la através do distanciamento entre investigador e investigado, a pesquisa fundamentada nas narrativas assume-se como subjetiva e valoriza essa subjetividade na tentativa de compreender a realidade, convidando os investigados a falarem de si mesmos, dando-lhes a palavra (REIS, 2008).

Nesse sentido, a pesquisa narrativa, ao valorizar e explorar as dimensões pessoais dos sujeitos, através de uma abordagem subjetiva do objeto de conhecimento, tem a vantagem de favorecer a perspectiva do sujeito, em suas dimensões mais sutis, ao considerar suas emoções, sentimentos, percepções, vivências e trajetórias de vida. Assim, a narrativa pode dá sentido à experiência humana, de modo que “[...] a narrativa surge como a metodologia mais adequada à compreensão dos aspectos contextuais, específicos e complexos dos processos educativos e dos comportamentos e decisões dos professores [...]” (REIS, 2008, p. 23). Na pesquisa sobre formação de professores, em que se pretende dar conta de aspectos íntima e inextricavelmente ligados à subjetividade, à singularidade e às dimensões mais pessoais dos investigados, o uso das narrativas potencializa a investigação, abrangendo um nível mais elevado de apreensão e compreensão da realidade. Dessa forma, reafirmamos as potencialidades e possibilidades das narrativas autobiográficas como método de conhecimento relativo à formação docente, considerando na pesquisa sobre formação de professores, as narrativas autobiográficas permitem aos sujeitos refletir sobre o passado e o presente de sua formação, descreven-

do contextos de sua construção, além de evidenciar os limites e possibilidades que marcam/marcaram seus processos formativos (BRITO, 2007).

Referências

BRITO, A. E. Professores experientes e formação profissional: evocações... narrativas... e trajetórias... **Linguagens, Educação e Sociedade**, ano. 1, n. 17, p. 29-38, jul./dez. 2007.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, v. 28. n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BUENO et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 385-410, mai./ago. 2006.

CHENÉ, A. Narrativa de formação e formação de formadores. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

_____. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

_____. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 17-34.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, v. 11. n. 2. p. 327-345, 2005.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 64-89.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2000, p. 11-30.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, 15(16), 17-34, 2008.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador/BA: UNEB, 2006a.

_____. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação. **Educação em questão**, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006b.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.